

A origem do cristianismo

KARL KAUTSKY (tradução, introdução, apêndice e notas de Luiz Alberto Moniz Bandeira)

Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, 559p.

MICHAEL LÖWY*

Graças ao eminente historiador Moniz Bandeira, está finalmente disponível em língua portuguesa este clássico do materialismo histórico publicado pela primeira vez em 1908. Em seu prefácio, o tradutor lembra que Kautsky foi o legatário de Marx e Engels e o principal teórico da Segunda Internacional. Lênin, apesar de denunciá-lo como “renegado”, reconhece que seus trabalhos como historiador marxista “ficarão como patrimônio duradouro do proletariado”.

Karl Kautsky é provavelmente o primeiro marxista a se interessar não só pelo movimento, mas também pela personalidade enigmática do profeta crucificado. Seu livro *Der Ursprung des Christentums* (A origem do cristianismo), de 1908, é uma tentativa bastante impressionante (mais de 500p.) de análise histórica marxista. Reeditada nove vezes e traduzido em vários idiomas, tornou-se uma das obras mais populares do teórico da social-democracia alemã. Ao escrevê-la, Kautsky se propunha pelo menos três objetivos essenciais:

- 1) um objetivo político: seguindo a pista lançada por Engels, interpretar o cristianismo primitivo como precursor do movimento proletário e socialista moderno.
- 2) um objetivo cultural: opor à mitologia cristã um relato materialista das origens da nova religião. Desse ponto de vista o trabalho se insere na batalha clássica

* Diretor de pesquisa emérito no CNRS-Paris.

do materialismo histórico contra todas as formas de idealismo e, em particular, contra as ideologias religiosas.

- 3) um objetivo científico: mostrar a capacidade do método marxista de dar conta de um processo histórico complexo, interpretando um fenômeno religioso em termos da luta de classes.

O livro se divide em três grandes capítulos: I) a sociedade na época do Império romano: a economia escravagista, as formas absolutistas do Estado, as diversas manifestações da crise cultural e religiosa. II) o Judaísmo: os conflitos de classe da sociedade israelita e as várias correntes político-religiosas (saduceus, fariseus, zelotas, essênios). III) Os inícios do cristianismo: as comunidades cristãs primitivas, a ideia messiânica cristã, o comunismo cristão.

Curiosamente, a título de introdução a essas três partes, encontra-se um curto capítulo dedicado à “personalidade de Jesus”. Segundo Kautsky, os Evangelhos são comparáveis às epopeias de Homero ou aos romances de Balzac: embora seu valor como documento histórico seja reduzido, eles são uma excelente fonte para conhecer as relações sociais da época e, em particular, os ideais e aspirações das comunidades cristãs originárias. A seu ver, Jesus foi um rebelde, um subversivo oposto à dominação romana, que organizou uma comunidade composta quase exclusivamente de elementos proletários, animados por um profundo ódio às classes ricas e por um comunismo primitivo visando à partilha dos bens de consumo.

A prisão de Jesus no Monte das Oliveiras, no curso de um confronto violento, fez fracassar a “tentativa de putsch” (*Putschversuch*) contra as autoridades romanas que ele havia planejado com seus discípulos. Jesus era um adversário tanto das classes dominantes judaicas quanto romanas, mas sua crucificação se deu por decisão do procurador romano, Pôncio Pilatos, que o acusou de tentar restabelecer o reino independente da Judeia – daí a célebre inscrição na cruz: “Jesus de Nazaré, rei dos Judeus”. Redigidos em época posterior, quando os chefes cristãos se opunham violentamente ao judaísmo e buscavam conquistar as boas graças de Roma, os Evangelhos acabam desculpando as autoridades romanas e acusando os judeus da responsabilidade pela morte do profeta. Essa deformação evidente dos acontecimentos, responsável por inúmeras contradições do texto bíblico, inspirou durante séculos as perseguições antijudaicas da Igreja: “O que aparece como relato da paixão do Senhor Jesus Cristo é no fundo somente um testemunho da história da paixão do povo judeu”.

Resta explicar porque Jesus não teve o mesmo destino de tantos outros personagens messiânicos que agitavam o povo judeu durante o período das revoltas, que vai desde os Macabeus até a destruição do templo por Tito: como explicar a persistência e o sucesso do movimento religioso que adota seu nome?

Kautsky avança duas explicações complementares: em primeiro lugar, Jesus foi o fundador, ou melhor, o porta-voz de uma *organização*. Esta organização sobreviveu a Jesus e seu papel na extensão do novo movimento religioso é bem mais importante do que a personalidade de seu fundador. Não foi a fé na ressur-

reição do crucificado que criou as comunidades cristãs, mas, ao contrário, foi a força vital (*Lebenskraft*) das comunidades, enquanto organização comunista do proletariado, que perpetuou a memória de seu pioneiro e mártir, produzindo a fé na sobrevivência do Messias. Privilegiando a *organização* sobre os valores éticos, as esperanças messiânicas, as lutas, os sonhos e a *fé* – no sentido amplo da palavra – do movimento, Kautsky acaba tendo uma visão demasiado estreita do cristianismo primitivo.

A segunda hipótese é mais pertinente: segundo Kautsky, o que distinguia o messianismo de Jesus do de outros profetas judeus rebeldes da época – todos de tendência estritamente nacional – é seu caráter *social*, sua vocação de *redentor internacional*: “Somente o Messias social, não o nacional, podia transcender os limites do judaísmo”, sobreviver à destruição do templo de Jerusalém e, sobretudo, encontrar receptividade entre os pobres de todas as nações. Associando a hostilidade das classes oprimidas contra os ricos e a solidariedade proletária, o messianismo das comunidades cristãs prometia a redenção dos pobres, e assim pôde ganhar muitos adeptos para além do mundo judaico.

Em última análise, Jesus, “o Messias crucificado que surgira do proletariado”, conseguiu vencer Roma e conquistar o mundo, mas no curso desse processo o movimento cristão sofre um “processo dialético”: perdendo seu caráter proletário e comunista, ele se transformou em religião de Estado, sob o controle de um vasto aparelho de dominação e exploração – a Igreja.

No último capítulo, intitulado “Cristianismo e Socialdemocracia”, Kautsky insiste, sobretudo, nas diferenças entre os dois movimentos. Será que não existe o perigo de que o movimento operário conheça no curso de sua história uma “inversão dialética” equivalente à do cristianismo? Não poderia a burocracia necessariamente produzida pelo movimento socialista – funcionários, jornalistas, deputados – se transformar, no curso da evolução, em uma nova aristocracia, similar ao clero com seus bispos e cardeais? Uma aristocracia que dominaria a massa dos trabalhadores e que negociaria com o poder do Estado sua incorporação a ele? Em outras palavras: existe a possibilidade de que o movimento socialista tenha um destino semelhante à transformação do cristianismo em religião do Estado?

A pergunta é interessante, mas a resposta de Karl Kautsky é bastante ingênua. Enquanto a época de ascensão do cristianismo era um período de declínio espiritual, um período “de desenvolvimento de uma ignorância absurda, da mais estúpida superstição”, a época de ascensão do socialismo é um período de “importantes progressos das ciências naturais, de uma rápida aquisição do conhecimento pelas classes sob influência da socialdemocracia”. A origem do cristianismo coincide com a crise da democracia antiga e com a regressão das forças produtivas, enquanto o movimento operário moderno surge em uma época de “persistente avanço da democracia” e de “um verdadeiramente fabuloso aumento das forças produtivas”. Por conseguinte, não existe a menor possibilidade de que o movimento socialista

conheça um processo de burocratização e transformação em religião do Estado análogo ao do cristianismo...

O argumento de Kautsky reflete um otimismo um pouco míope, inspirado na filosofia do progresso que caracteriza o marxismo evolucionista da Segunda Internacional, pouco preparado para enfrentar as *catástrofes da modernidade* no curso do século XX.

Apesar de suas evidentes limitações metodológicas e historiográficas, o livro de Kautsky tem a grande virtude de ser a primeira tentativa de interpretação, à luz do materialismo histórico e da luta de classes, da fascinante figura do “Messias proletário crucificado”. Seu sucesso popular decorre provavelmente do interesse dos militantes socialistas por uma visão das origens do cristianismo que permita ao movimento operário moderno se apropriar da figura de Jesus como profeta e mártir da causa proletária.

No apêndice, intitulado “Comunismo cristão e heresia”, Moniz Bandeira esboça uma brilhante síntese da história das heresias e dissidências igualitárias, comunistas e democráticas do cristianismo, desde o catarismo do século XII até os *levellers* e *diggers* da Revolução Inglesa do século XVII. Faltou só completar com a teologia da libertação...

LÖWY, Michael. Resenha de: KAUTSKY, Karl (trad. Luiz Alberto Moniz Bandeira). A origem do cristianismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, 559p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.159-161.

Palavras-chave: Cristianismo; Materialismo histórico; Luta de classes.